



As Mil e Duas... Noites de Eça de Queiroz¹

Sônia de BRITO²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - SP

RESUMO

O artigo atém-se à leitura e comentários sobre o jogo epistolar e de alteridade de Carlos Fradique Mendes, personagem de Eça de Queiroz, com diversos destinatários, e às anotações do autor sobre sua viagem ao Oriente. Da correspondência, nasce o ideário literário, crítico, histórico, estético. Nas anotações, têm-se as impressões e os registros de suas visões do Oriente. Assim, fazem parte do objeto de estudo desse artigo duas cartas, cujo tema é o Oriente, e as notas de viagem nas quais ele cita As Mil e Uma Noites. O objetivo é verificar a conexão entre o fazer artístico e o jornalístico e relatar as experiências da contação oral e da contação escrita (reportagens) de Eça e de Scherezade.

PALAVRAS-CHAVE: Eça; correspondência; Fradique; oriente; notas.

O desafio para escrever esse artigo começou com a proposta da Profa. Dra. Neuza Neif Nabhan em sua disciplina “A obra As Mil e Uma Noites: do mito à realidade (uma experiência criativa)”, no programa de Pós-Graduação em Letras, nível de Doutorado, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UNESP de Assis, SP, de entrelaçar a literatura Scherezadeana com a tese, ou com autores, ou ainda com o *corpus*.

Desafio lançado, a etapa seguinte foi encontrar convergência entre a criadora de contos orientais e Eça de Queiroz. Defendi a tese de que a Teoria Jornalística de Eça é atual, crítica, ética. Além disso, reflexões advindas do século XIX e de jornalista com conhecimento de causa é pertinente, pois como dono de jornal, ele era o faz tudo, o polivalente, ou seja, ele era o próprio jornal.

Pensando em Eça escritor (s/d), A Correspondência de Fradique Mendes e Cartas Inéditas constituem o ideário de Eça de Queiroz. Nelas, estão contidas suas posições estéticas, filosóficas e políticas.

Os mais variados temas ocupam as cartas destinadas aos mais diversos destinatários, ajustando-os às especialidades e aos interesses de cada um deles.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Profa. Dra. dos Cursos de Comunicação Social em Jornalismo, em Relações Públicas e de Artes Visuais da FAAC – UNESP/SP, e-mail: snbrito@faac.unesp.br



De carta a carta, Eça vai criticando o Estado e a Nação Portuguesa, todo o seu segmento social, econômico e educacional. Procedimento coerente de Eça que transparece em seus romances, ensaios, anotações. Desse modo, canaliza a crítica à Nação que aplaude a mediocridade do Estado.

É através de Carlos Fradique Mendes que exterioriza suas ideias e amadurece seu estilo sedutor. A princípio, Fradique era um heterônimo coletivo. Nasceu da necessidade de um grupo de estudantes de se opor à sociedade da época. Esse ser de papel foi criado entre 1868 e 1869 por Jaime Batalha Reis, Antero de Quental e Eça de Queiroz. Depois, surge como personagem em *O Mistério da Estrada de Sintra* – 1870, de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão. Foi apócrifo. Finalmente, Eça retoma individualmente Fradique com a publicação da *Correspondência de Fradique Mendes* em 1888 – 1900.

Assim em conversa epistolar com Oliveira Martins, amigo e historiador, tematiza o pobre “caráter dos povos antigos” e remete-lhe uma fotografia, já num processo de modernização, como documento e prova da existência e mumificação de Ramesses II. Este faraó da décima nona dinastia, há mil e quatrocentos anos antes de Cristo, surge com todos os seus ossos e pele, podendo ser contemplado com as pálpebras baixas e sorrindo.

Comparando semblantes – dos governantes de ontem e de hoje eciano – Fradique argumenta que aquele é um semblante uno, de líder augusto, com indomável força e esplendor viril. Hoje, tem-se o perfil de degeneração do homem: “sorno oblíquo e bigodoso de um Napoleão III, ou com o carão do Czar russo,... que fealdade tacanha destes rostos de poderosos!” (QUEIROZ, s/d. p. 124).

Desse modo, critica e questiona o fato de que nas novas civilizações não há uma simples alma que afirme enquanto força e poder. Hoje, o governante fala baixo, aos cantos, não é onipotente e age conforme interesses e acordos, sem comprometimentos. Porém, o poder em suas mãos causa-lhe a fisionomia de feitiço contrafeito, crispado, torturado, azedo... Ironiza afirmando que as únicas fisionomias nobres são as das feras, genuínos Ramisses no deserto, fortes e livres. Ao contrário, o homem moderno é pressionado e prisioneiro de um código que ele mesmo elaborou.

Tal texto mede bem o comportamento de governantes e formas de governo. A falta de identidade fisionômica dos políticos implica caráter duvidoso. Diferente dos antigos que recebiam educação desde a mais tenra idade para que fossem governantes de pulso, honrando e defendendo a Pátria, com amor e desempenho funcional que aquela vida lhes proporcionava.



Implicitamente, os políticos que não se encaixam nesse estereótipo físico, não têm muito para oferecer, nem muitas ações para praticar, pois a fisionomia atual pouco consegue persuadir.

Ao amigo Mr. Bertrand B. (engenheiro na Palestina), responde a “horrenda carta” que dele recebera, contando que findara o traçado do caminho de Jafa a Jerusalém. Ironicamente, imagina-o triunfante, observando através da luneta a marcação por bandeirinhas, a “linha” onde em breve, de Japo para o Sião o “negro comboio” da sua “negra obra” passará. Logo atrás virá o progresso. Esta carta é uma crítica ao progresso que destrói para modernizar.

Fradique não é das Pontes e Calçadas, nem acionista da Companhia dos Caminhos de Ferro da Palestina, como o amigo Bertrand, apenas um peregrino saudoso daqueles lugares adoráveis. Por tal, considera a obra de civilização do engenheiro uma obra de profanação.

Num jogo dialético epistolar, Bertrand acusa a velha Palestina de ser uma fonte de ilusão. Fradique refuta-o ao dizer que a ilusão é tão útil como a certeza e que, na formação do homem, tanto os contos de fadas quanto os problemas de Euclides contribuem para o conhecimento empírico do ser transitório. A destruição da influência religiosa e poética nos lugares sagrados fomenta o retrocesso na civilização para abrigar hotéis, ônibus, bilhares, modernizando, industrializando e, por fim, banalizando lugares que instigam a busca do conhecimento espiritual, histórico, cultural e estético filosófico da Palestina.

Eça recorre à bíblia como argumento, pois entrar na Palestina é penetrar no livro sagrado. Destruir a magia das civilizações antigas é diminuir a inspiração e o encanto da jornada. Porém, declara que o progresso é inevitável, pois a troca de interesses é grande e o feito de Bertrand será o fim da era cristã.

A modernidade destrói, apaga as marcas de civilizações anteriores. O ouvir é diferente do vivenciar. O primeiro causa encantamento e sedução. Já o segundo é como penetrar no passado, na história viva da memória das pessoas e dos livros. É a concretização do ouvir. Ora, um é imagem mental, o outro é a confirmação da ideia imaginada.

Em outra carta, a Guerra Junqueiro, Fradique discute sobre religião e afirma que as religiões são abstratas. Para torná-las concretas, não se pode eliminar o ritual porque elas para os homens são um conjunto de ritos que servem como canal para comunicação particular com Deus.



Nesse sentido, os lugares, as roupas das mulheres, as mesquitas, as tendas armadas, os contadores de histórias, os camelos etc. funcionam como canal para que o viajante – turista- penetre no coração daquele contexto.

Por outro lado, as anotações de viagem, não mais de Fradique, mas de Eça também levam o receptor a penetrar no Oriente de sua época.

Essas notações foram encontradas cinquenta e sete anos depois de sua viagem ao Oriente, em companhia do conde de Resende, como convidado para as festas de inauguração do Canal de Suez, em outubro de 1869, entre os seus pertences. Assim, seu filho José Maria D’Eça de Queiroz reúne essas anotações em um volume: O Egito – Notas de Viagem. Essas Notas estão registradas em três caderninhos de bolso e em algumas folhas de papel almaço.

A descoberta do antigo passaporte diplomático de Eça possibilitou a reconstituição da excursão ao Oriente. As datas, os vistos e os nomes das cidades determinaram a sequencia lógica e natural de sua peregrinação. A destruição de algumas páginas pelo tempo e de algumas Notas ilegíveis e indecifráveis não quebraram a sequencia textual, ao contrário deram suporte para que os organizadores pudessem pesquisar mapas, decifrar palavras árabes, para não alterar a riqueza da construção de imagens que as palavras sugerem ao leitor.

Assim, de comboio, de barco, a cavalo, a pé, ele corre de um lado para outro: deserto, serras, vales, ruas, museus, templos, mesquitas, ruínas, o Nilo. Além disso, medita, discute, filosofa, tudo observa, tudo vê, anota e deixa material vasto sobre História, Política, Costumes, Artes, Arquitetura... Logo, Eça descreve a viagem como se confessasse o encantamento registrado nos seus olhos, na sua memória e nos caderninhos de bolso.

E, como num conto real, Era uma vez Eça de Queiroz a caminho do Oriente, a ênfase desta parte do artigo recai não nos resumos de suas anotações reunidas em cento e quarenta e cinco páginas, mas nas páginas nas quais a citação As Mil e Uma Noites transcende o espaço sideral para ilustrar e confirmar as descrições impressionistas daquele viajante.

Logo, ao percorrer o Delta, faz considerações sobre o Egito contemporâneo: “... o verde e a água resplandecem. É possível sentir a riqueza, a abundância! (QUEIROZ, s/d, p. 704). O felá cultiva o vale do Nilo. Veste-se tipicamente. Sua fisionomia é doce e tranquila, os olhos são negros, feições redondas, corpo esguio, cor escura e bronzeada. Eça vê nesse oriental a velha raça egípcia.



Faz parte do estilo queiroziano, além de relatar a arquitetura, pessoas, paisagens, lugares, criticar, ironizar. Assim, revela a cultura popular, os costumes; comenta sobre economia, política, mordomias, impostos e desigualdades sociais. Afirma que o Egito é um país agrícola, mas querem fazer dele um país industrial. Aparecem pessoas de toda parte da Europa explorando, destruindo, sem amor, sugando e depois partem. É certo que a Pátria de cada um é única, mas as outras merecem respeito e conservação.

O pior é que os monopólios dos vice-reis sustentam numerosas famílias, com muito luxo e ostentação, eunucos, escravos para abanar, segurar o espelho... São tantos que formam uma população.

Nesse ínterim, pode-se deduzir que as duas cartas já comentadas, nas quais ele critica a modernidade destrutiva e as feições dos políticos, que acabam se tornando as feições de uma nação, resultaram da viagem, de estudos, contemplação e percepção, além da troca de ideias com o seu amigo, o engenheiro do canal de Suez.

Mesmo assim, “Ah! a vida no Cairo é extraordinária e o Cairo uma extraordinária cidade. Verão – recorda as Mil e Uma Noites!” (QUEIROZ s/d, p. 715). Cidade das Mil e Uma Noites.

Seguindo viagem, percorre o Baixo Egito, o canal de Suez e a Costa da Arábia, a caminho da cidadela. E é do alto dela que ele vê o Cairo como sobre um mapa: perde-se de vista na planície; vê-se o Nilo, o Delta e o deserto. De um lado, a suntuosidade das mesquitas – belas e históricas. É arte, memória e patrimônio, mas não existe modernamente, pois é a “cidade poética das Mil e Uma Noites” (QUEIROZ, s/d, p. 717). Do outro lado, a visão é outra. O centro da mesquita é miséria, podridão, fome. Talvez seja nesse lado da história que o gênio do mal atue.

Quanto à mulher no Oriente, Eça, implicitamente, critica e relata a posição submissa dela. É considerada imperfeita, inútil, perigosa. O árabe não a aceita como companheira, não a leva às orações, cobre-a de joias, mas nega-lhe amor e confiança.

Embora pareça incoerente esse sentimento masculino, uma vez que vive com muitas mulheres, a poligamia se justifica não só pela fama da virilidade dos árabes, mas pela necessidade de harmonia social.

A guerra entre as tribos isola o homem em suas tendas e é com o casamento que ele ganha auxiliares. Assim, reúne mais lanças, eunucos e escravos e ainda a mulher serve como elo de paz e união, pois para estabelecer a política da boa vizinhança, casa-se com a filha ou com a irmã do seu inimigo. Talvez esse seja o lado negro das Scherezades.



Com o passar do tempo, a decadência econômica encarregou-se de mudar a tradição: harém é coisa de burguês.

O cartão de visitas do Cairo são as mesquitas. Eça descreve-as com os mais adequados adjetivos: “maravilhosas de arquitetura”,... “na extremidade, uma pequena cúpula de uma graça estranha e delicada. É uma mesquita” (QUEIROZ, s/d, p. 748).

Mesmo abandonadas, destruídas, ou lotadas de fiéis, elas têm graça, brilho, poesia. Seguindo tais qualidades, Eça transporta-se no sonho, o das “Mil e Uma Noites” (QUEIROZ, s/d, p. 749).

Os púlpitos de madeira, para ele, parecem feitos pelas aves maravilhosas que tecem rendas de ouro nas “Mil e Uma Noites” (QUEIROZ, s/d, p. 749).

A mesquita é tão soberba que talvez tenha inspirado Maomet: a lei religiosa abriga a todos, sem distinção, nem preconceito. É o centro das atividades religiosas e civis. Lá, lê-se o Alcorão. É o lugar das grandes decisões sociais. Guarda tesouros dos peregrinos. É o canal entre o humano e o divino. É o lugar onde calam e rezam juntos: crentes e fanáticos, mas as orações segmentadas sugerem que apesar do lugar unir classes sociais, lá dentro, a desigualdade impõe-se em categorias humanas.

Outra visita de Eça: aos túmulos dos Califas. Estes ficam em volta das mesquitas e entre eles há casebres espalhados na planície. Este quadro retrata a antítese social – riqueza/pobreza. Alguns túmulos e algumas mesquitas estão esburacados, feridos, mutilados, caindo aos pedaços. Mas, mesmo em ruínas, as mesquitas conservam o poder do sagrado e os árabes continuam frequentando-as para orar e acreditam que Deus os vê independente do estado de conservação delas.

Contrastes à parte, tudo naquele lugar chama aquele visitante a imaginar o tempo dos Califas e das “Mil e Uma Noites” (QUEIROZ, s/d, p. 776).

As últimas noites que Eça passou no Cairo foram coloridas. Com a chegada do Imperador da Áustria, o bairro ficou iluminado e em festa. Havia muito luxo, a cor vermelha predominava no fundo do bordado em ouro. Segundo Eça, o tempo dos Califas tinha voltado com as suas festas maravilhosas e feéricas. “As Mil e Uma Noites continuavam: era a milésima segunda noite!” (QUEIROZ, s/d, p. 807).

O belo vestiu aquela bela raça. O canto provocava o sentimento misto de beleza, tristeza, sensualidade, doçura. Acabado o som do canto, os árabes liberam o grito de emoção – aaah – que soa quase como continuação do canto.

Todo esse clima maravilhoso apoiado na decoração iluminada e luxuosa é um aparte na vida real: apagada, grosseira, pobre, vulgar, instigante, competitiva... Mesmo assim, Eça



não se importa porque se entrega ao encanto profundo, aos sonhos alucinados que o remetem para a lenda do tempo dos Califas e d’“As Mil e Uma Noites” (QUEIROZ, s/d, p. 812).

As anotações ecianas de viagem sobre as danças de almeias findam as considerações do autor sobre o Oriente, mas o encanto não se desfaz.

As dançarinas formam quase que uma casta, com hábitos, vestuário e linguagem próprios. As primeiras danças que assistiu nas ruas estavam longe de se parecerem com as das que se leem n’“As Mil e Uma Noites” (QUEIROZ, s/d, p. 814). Nada de sedução, só a intenção de tirar dos estrangeiros o lucro que os movimentos do corpo lhes proporcionam. Nesse sentido, Eça afirma que o Oriente está tão medíocre quanto o Ocidente, pois o canto e a dança perdem o valor de tradição artística para o valor comercial.

Contudo, quando dançam nas festas populares há magia, sensualidade, gestos delicados, agilidade, ritmo frenético e envolvente. Aí sim elas parecem descendentes de famílias que se relacionam com o herói Harun – al – Raschid de “As Mil e Uma Noites” (QUEIROZ, s/d, p. 814).

Fim de noites feéricas. Iluminações apagadas. Ruas desertas. Cadeados fechados.

CONSIDERAÇÕES

Assim, no início da viagem, Eça atravessou o limite da realidade e adentrou no mundo dos sonhos, do sagrado. Ao contrário, fim da viagem, saída dos sonhos, volta à realidade, às vezes, nua e cruel.

Desse modo, foi possível entrelaçar as cartas selecionadas e as anotações de viagem, que formam o ideário de Eça de Queiroz sobre o Oriente, com As Mil e Uma Noites. Os destinatários são reais, mas as cartas nunca foram enviadas a eles. Já as anotações detalhadas e sequenciais talvez fossem fruto da intenção do autor de publicá-las. Nem sua morte conseguiu quebrar o encanto das anotações, pois a publicação póstuma, tão bem organizada e revisada, efetivou-se.

A obra As Mil e Uma Noites surgiu do saber oral tradicional e essas obras de Eça surgiram da observação direta e do conhecimento da literatura Scherezadiana. Portanto, os discursos são argumentativos e pragmáticos. Cada carta mais partes das notas de viagem constituem um novo tema entrelaçado aos anteriores. Eça é o contador das histórias. Do ver, registra o dizer e o dito, porém, o “como dizer” instaura a leveza, o encantamento que a palavra produz.



Nesse sentido, no conto oral, o olhar é importante porque penetra na alma do ouvinte, envolvendo-o na narrativa. Nas Notas de viagem, a leitura das palavras é mediadora, sugere plasticidade, que penetra na alma do leitor.

O colorido das palavras causa sensações. Exerce quase um poder virtual em receptores que entram naquele tempo e viajam com ele. Além disso, personificam espaços físicos, atribuindo-lhes, como nos sonhos, nos contos de fadas, qualidades humanas.

Scherezade seduziu o Califa através das palavras e Eça seduz os leitores também com poeticidade e palavras plásticas. Eça passa a ser o Rawi, ou seja, é aquele que informa o que está acontecendo naquela sociedade: fome, miséria, festas, cantos, danças, comércio, política, religião etc., compondo assim o conjunto de temas que formam o tecido discursivo. Ao desfiá-lo, o receptor estará diante da visão caleidoscópica que a sua sensibilidade e o seu repertório permitem.

Scherezade luta pela sua própria vida. Para isso, se joga na aventura narrativa e teatraliza o cotidiano (PIÑON, 2004). Mesmo antes de causar efeito de sentido no receptor, usa como estratégia discursiva criar expectativas em torno de qualquer tema, garantindo, assim, sua vida, a continuidade da história e a intertextualidade.

Eça de Queiroz foi o Charles Chaplin do seu tempo, ou seja, observador do mundo, das pessoas, dos lugares, das aculturações. Scherezade também. Todos os dias ela precisava de motivações temáticas para explorar. Logo, as artimanhas poéticas prendem o interesse do Califa com o devir dos fatos e o desenrolar da trama. O jornalista também é um contador de histórias, de fatos e vive em busca de novidade, de furos, de instantaneidade, de presentificação. Eça como cônsul, dono de jornal, escritor, correspondente, jamais deixou de ser jornalista. Suas notas de viagem são verdadeiras reportagens sobre o Oriente. Ambos são narradores capazes, competentes e já praticavam a arquitetura narrativa.

Nesse sentido, as cartas e as anotações de viagem são atemporais, tanto quanto as histórias d' As Mil e Uma Noites que influenciam outras culturas com seus contos populares. As datas marcam o tempo cronológico e dá veracidade aos fatos, mas a atemporalidade funciona como elemento essencial para encantar o leitor de ontem, de hoje e de amanhã, possibilitando ao contador de histórias reflexão, atualização, intervenção, recriação.

As condições de produção – a inspiração e a transpiração - emanam do próprio lugar, da beleza, do sagrado da magia; o processo de produção e as estratégias discursivas



(PÊCHEUX, 1969), através dos adjetivos adequados; a seleção lexical e as metáforas são os arabescos do seu produto: o texto.

Do ato ilocucional, surge o perlocucional, (AUSTIN, 1970) resultado ou efeitos de sentido que o texto provoca no receptor como sedução, persuasão e a vontade de saber como vai o Oriente. Para satisfazer o questionamento e a curiosidade interior, documentários e a busca na internet comprovam os comentários (do não encantamento) de Eça sobre as condições caóticas das mesquitas e dos túmulos: ruína, destruição, estátuas com o nariz quebrado, riscadas, túmulos saqueados. É lamentável, pois pela própria História, o Oriente deveria ser um lugar demiurgo entre o céu e a terra, entre o divino e o humano.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. L. **Quand dire c'est Faire**. Paris: Suil, 1970.

ALMEIDA, R. Literatura oral. In: **Manual de coleta folclórica**. Rio de Janeiro: MEC, 1965.

ARAÚJO, A. M. **Cultura popular brasileira**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

LIMA, R. T. de. História do conto popular. In: **ABECÊ do folclore**. 5. ed. São Paulo: Record, s/d.

MATOS, A. C. (Org.) **Dicionário de Eça de Queiroz**. Lisboa: Editorial Caminho, S/A, 1988.

NABHAN, N. N. **As mil e uma noites e o saber tradicional**: das narrativas árabes à literatura popular brasileira. São Paulo, FFLCH, 1990.

PÊCHEUX, M. **Analyse Automatique du Discours**. Paris: Dunod, 1969.

PIÑON, N. **Vozes do Deserto**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

QUEIROZ, E. de. **A correspondência de Fradique Mendes**. Lisboa: Edição Livros do Brasil, s/d.

QUEIROZ, E. de. O Egito: notas de viagem. In: **Obras de Eça de Queiroz**. Porto: Lello & Irmãos – Editores, v. III, s/d.